



Primatas não-humanos e o espaço relacional da linguagem*

Beto Vianna

Os macacos africanos vervet (*Chlorocebus aethiops*) tornaram-se personagens famosos das ciências cognitivas, tão logo descobrimos que esses animais emitem diferentes chamados de alarme para diferentes tipos de predadores (SEYFARTH, CHENEY e MARLER, 1980). Ao ouvir um chamado, o macaco vervet, alternativamente: corre para a segurança das árvores; fica ereto na grama, atento ao chão; ou procura abrigo nas moitas, olhando para o céu. O animal teria escutado seus co-específicos dizerem, respectivamente, "leopardo", "cobra" e "águia". Os cientistas foram bastante engenhosos em descobrir uma semântica vervet. Parece, afinal, que outros organismos, além do humano, denotam coisas no mundo. Mas os cientistas de fato *sabem* o que dizem esses primatas não-humanos? O *significado* é mesmo leopardo, cobra e águia? Arrisco-me a sugerir que, se um cientista conhecesse a linguagem vervet, não faria descrições semânticas desse comportamento, nem comunicaria o fato a seus pares, mas, antes, trataria de correr para a segurança das árvores, ficaria ereto na grama, atento ao chão, ou, então, procuraria abrigo nas moitas, olhando para o céu.

Perguntas sobre o comportamento e a cognição de primatas não-humanos servem de disfarce mais ou menos explícito para o interesse mais bairrista que cultivamos por nós mesmos, ou seja, pelo humano. Um interesse justificável, e, por isso mesmo, proponho mudar a questão sobre "o que dizem" os vervet para algo que inclua o observador humano na pergunta: como acontece que cada um de nós, *enquanto ser vivo*, enquanto um organismo individual operando em um mundo, possa partilhar conhecimento com outros organismos? Essa questão tem suscitado, no mais das vezes, descrições referenciais (semânticas), ou, como é moeda corrente nas ciências cognitivas, de representações mentais. Mas não vejo, nesse caminho, como estender a pergunta sobre o conhecimento compartilhado, o significado público de que fala uma tradição da filosofia da linguagem desde Wittgenstein, Austin e Sellars, para o operar do vivo. Ao contrário, penso que faríamos melhor em abdicar dessa linguagem de referências a um mundo prévio e de representações, se quisermos falar de maneira produtiva sobre as relações que nós, organismos, estabelecemos uns com os outros e nos permite trazer à mão os mais diversos e, às vezes surpreendentes, objetos.

* Trabalho apresentado na V Semana de Biologia - UFF
Universidade Federal Fluminense - Niterói, 5 de maio de 2010